

A sensibilidade e a natureza como par motriz na literatura e na filosofia:

de Guimarães Rosa a Merleau-Ponty

Marcos Roberto Grassi, Suzi Frankl Sperber

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Palavras-Chave: Literatura Brasileira - Filosofia - João Guimarães Rosa - Maurice Merleau-Ponty



INTRODUÇÃO

As considerações que seguem são resultados do projeto de iniciação científica *A sensibilidade e a natureza como par motriz na literatura e na filosofia: de Guimarães Rosa a Merleau-Ponty*. Pesquisa que objetivou estudar a sensibilidade na obra *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, segundo alguns conceitos desenvolvidos pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty.

Para tanto, o projeto buscou desenvolver uma pesquisa minuciosa da sensibilidade enquanto via para a reflexão, de maneira a buscar relacionar a presença do sensível com o plano existencial, com a postura existencial, tão consolidada e inquietante em Riobaldo face à natureza (beleza natural) e à força lírica de Diadorim, passando ainda pela questão da corporeidade e da percepção do outro.

METODOLOGIA

- Releitura analítica do romance *Grande Sertão: Veredas*, com a atenção voltada para os fenômenos corporais e sensíveis a partir das personagens Riobaldo e Diadorim;
- Estudo da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty a partir das obras *A estrutura do comportamento*; *Fenomenologia da percepção*; *A natureza, e O visível e o invisível*;
- Pesquisa bibliográfica de fontes primárias e secundárias;
- Análise e comparação dos conceitos pesquisados;
- Sistematização das informações para a elaboração do relatório final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance *Grande Sertão: Veredas* tem chamado à atenção da crítica, desde o seu lançamento em 1956, pelo forte fundo existencial e lírico. Narrado por Riobaldo, um ex-jagunço que rememora seu passado de guerras e lutas pelo sertão de Minas Gerais, Bahia e Goiás, *Grande Sertão: Veredas* nos apresenta o amor, a morte, o sofrimento, o ódio, a alegria, sob um amplo viés universal. Através de suas páginas acompanhamos o profundo processo de transformação do narrador, que passa a perceber o mundo (e a se perceber) sob um prisma totalmente novo, tocado pelo amor inesperado pelo também jagunço Reinaldo (Diadorim), o que causará uma série de efeitos gradativos em Riobaldo, com desdobramento em vários planos (afetivo, psicológico, metafísico, existencial, religioso, etc.).

Ao fim da vida, em seu *“range-rede”* (ROSA, 1988, p. 7), Riobaldo nos confessa que o gosto maior, o passatempo predileto é o de *“especular idéia”*. Tanto é verdade, que um dos eixos principais do romance são as perguntas e as impossíveis (em sua maioria) respostas. Nesse jorro narrativo endereçado a um recém-chegado homem da cidade, tudo é contado, segundo Antonio Candido, através de *“um esforço comovedor”*, de uma *“introspecção tateante”* (CANDIDO, 1986, p. 118). Esforço e introspecção que parecem brotar da sensibilidade. Em *Grande Sertão: Veredas* é também o universo sensorial um dos planos que compõem a personagem Diadorim. Sua força lírica está associada a uma percepção da natureza

que pouco tem a ver com o mundo dos jagunços – a percepção do belo: *“Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos”* (ROSA, 1988, p. 55). Daí que o lirismo marcante do discurso de Riobaldo move-se por camadas sensoriais – também afetivas – que remetem a todo instante para a presença/ausência de Diadorim: *“Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza”* (ROSA, 1988, p.29).

Ainda em seus primeiros escritos, nota-se em Maurice Merleau-Ponty (França, 1908-1961) um esforço em construir um novo sentido para a noção de Natureza – para além do pensamento clássico - como manifestação exemplar e primordial de nossa experiência existencial; a Natureza como gênese da percepção, como uma via carnal da sensibilidade, através da qual a reflexão se constitui. Merleau-Ponty aborda com atenção esse ser sensível em seus desdobramentos perceptivos, existenciais e filosóficos. Para isso, o filósofo procura mostrar que nosso corpo (ou nosso psiquismo) não se reduz a um complexo de causalidades, como se estivesse

objetivamente fechado no universo da ciência. Para ele, a experiência do corpo-próprio revela-o como *“veículo do ser no mundo”* (MERLEAU-PONTY, 1971, p.38), restituindo ao corpo um papel primordial de acesso às coisas.

Nesse interessante trajeto, além de descrever um novo sentido para a Natureza, que não o naturalista, Merleau-Ponty reconhece a experiência de um despertar sensível. Ao focalizar a percepção em estado nascente, ele evidencia uma Natureza que se comporta como *“infra-estrutura”* ou *“passagem”*, um *“algo que se continua”*, em cujo interior assistimos ao desvelamento perceptivo. (MERLEAU-PONTY, 2000, p.38). Em outras palavras, para o filósofo francês é na sensibilidade e na percepção (face à Natureza) que se encontram as sementes da reflexão e, portanto, de todo o questionamento.



Foto acima Parque Nacional Grande Sertão Veredas, na divisa entre os estados de Minas Gerais e Bahia. *“Diadorim, os rios verdes. Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho.”* (ROSA, 1988, p. 185)

CONCLUSÃO

Há em *Grande Sertão: Veredas* a operação de um olhar sensível que permeia toda a obra. Diadorim, como vimos, desempenha desde o primeiro contato um papel de guia para com Riobaldo. Acenando para a natureza e sua beleza, Diadorim ativa, desperta a atenção do outro para coisas antes não percebidas. Em outras palavras, acompanhamos de forma minuciosa e gradativa uma espécie de despertar em Riobaldo, a qual se dá justamente a partir do contato a natureza, conduzido pelo olhar de contemplação de Diadorim.

Para Maurice Merleau-Ponty é urgente uma retomada ao pensamento em sua origem, o que é manifesto através da restituição da experiência primordial da Natureza. Dito de outra forma, seu esforço está voltado para a atribuição de um sentido de experiência à Natureza como algo percebido para além da interpretação naturalista do mundo e do nosso corpo, de maneira que esse despertar sensível se mostre como mecanismo singular, capaz de revelar a experiência primordial do nosso contato com o mundo, com as coisas, com os outros.

Nessa direção, *Grande Sertão: Veredas* parece oferecer uma interessante representação do projeto merleau-pontyano, já que ‘fotografa’ o momento do despertar sensível de Riobaldo, justamente o ponto da pré-reflexão, extremamente caro a Merleau-Ponty. Se através do contato com a natureza (via Diadorim) Riobaldo desperta sensivelmente para o mundo, percebendo coisas jamais notadas – etapa inaugural de todo o seu questionamento existencial - o que temos em *Grande Sertão: Veredas* é uma espécie de reencenação da gênese do pensamento, sendo a natureza ao mesmo tempo fonte e depósito, elemento revelador que traz o mundo até nós, lugar no e através do qual percebemos o mundo e sua beleza, percebemos a existência, nos percebemos, mas, também, local que é destino de nosso olhar de contemplação, como depositário daquilo que é interior e que por não ser compreendido, é espelhado e espalhado em sua beleza, singularidade e efemeridade.

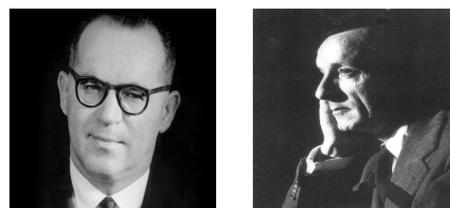
BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antonio - *Tese e Antítese – Ensaio* – 15ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: F. Bastos, 1971.

_____. *A Natureza. Notas: cursos no Collège de France*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROSA, João Guimarães - *Grande Sertão: Veredas* – 26ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.



Fotos acima: João Guimarães Rosa (Brasil, 1908-1967), Maurice Merleau-Ponty (França, 1908-1961)



Travessia do de-Janeiro. Riobaldo, Diadorim e o remador.